

BAILES FUNK EM PRESIDENTE PRUDENTE/SP: IDENTIDADE E SOCIABILIDADE

FUNK DANCE PARTIES IN PRESIDENTE PRUDENTE/SP: IDENTITY AND SOCIABILITY

Matheus Guimarães Lima¹ (UFGD)

Eunice Ladeia Guimarães Amaro² (UNESP)

RESUMO: O presente artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa em Geografia que objetivou analisar características identitárias e relativas ao estabelecimento de redes de sociabilidade entre jovens que frequentam bailes Funk em Presidente Prudente/SP. Para tanto, foi feita pesquisa bibliográfica, principalmente, referente aos conceitos de identidade e sociabilidade, seguida de pesquisas de campo, que, no caso, significaram frequentar bailes Funk. Nessas pesquisas de campo, pautamo-nos na metodologia da observação participante, com intuito de estar em contato direto com os objetos e sujeitos constituintes da pesquisa empreendida. Além disso, foram realizadas entrevistas na modalidade não-diretiva, que é pautada em deixar o entrevistado à vontade para discorrer sobre temas que são introduzidos na conversa pelo pesquisador em forma de tópicos. As observações realizadas ao longo das pesquisas de campo, aliadas ao teor das entrevistas e apoiadas no referencial teórico, possibilitaram aferir que a cena Funk de Presidente Prudente é limitada, porém efervescente. Nesse âmbito, notamos que o “estilo de vida Funk” é bastante associado a objetos providos de simbolismo, como roupas de determinadas marcas. Dessa forma, foi aplicado um questionário com a finalidade de obter dados quanto à preferência dos jovens por determinadas marcas, bem como a assiduidade com que navegam na internet.

PALAVRAS-CHAVE: Funk. Identidade. Sociabilidade. Presidente Prudente.

ABSTRACT: *This paper is the result of a qualitative research in Geography, which aimed to analyze identity characteristics related to the establishment of networks of sociability among young people who attend Funk dances in the city of Presidente Prudente/SP. For this, a bibliographical research was done - mainly referring to the concepts of identity and sociability - followed by field surveys, which in the case meant attending Funk dance parties. In these field surveys, we are guided by the methodology of participant observation, in order to be in direct contact with the objects and constituent subjects of the research undertaken. In addition, interviews were conducted in non-directive mode, which is based on letting the interviewee feel free to discuss about subjects/situations which are introduced in the conversation by the researcher in the form of topics. The observations made throughout the field research, combined with the content of the interviews and supported by the theoretical reference, made it possible to verify that the Funk scene in Presidente Prudente is limited, but effervescent. In this context, we note that the "Funk lifestyle" is closely associated with objects bearing symbolism, such as clothing of certain brands. In this way, a questionnaire was applied in order to obtain data on the preference of young people for some brands, as well as the frequency they use the internet.*

KEYWORDS: *Funk. Identity. Sociability. Presidente Prudente*

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: mgl.geopp@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestra em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: euniceladeia@yahoo.com.br

Introdução

Ao longo das últimas décadas, sobretudo a partir do início do século XXI, debates a respeito da juventude e o lazer têm ganhado corpo na esfera científica, principalmente na Sociologia e na Antropologia. Naturalmente, tem ocorrido a inserção desses temas no escopo da Geografia, sobretudo no que tange à análise dos processos de apropriação do espaço e territorialização, calcados em redes de sociabilidade e identidades distintas (HARVEY, 1992; ORTIZ, 1994; HALL, 2001; BAUMAN, 2007; TURRA NETO, 2008; LIMA, 2018).

Nas cidades da atualidade, ao menos nas metrópoles, grandes cidades e, em parte, em cidade médias, neste período chamado pós-moderno, a multiplicidade de opções de existência dos seres humanos jovens permite que, não apenas as características identitárias deles sejam moldadas de acordo com os contextos no quais se inserem, mas também que se delineiem suas relações intrapessoais que corroboram com o estabelecimento de redes de sociabilidade (HARVEY, 1992; ORTIZ, 1994; HALL, 2001; BAUMAN, 2007; TURRA NETO, 2008; LIMA, 2018).

As redes de sociabilidade juvenis, em geral, são baseadas em um estilo comum adotado por um grupo de indivíduos. No meio urbano, esses grupos podem ser chamados de “tribos urbanas” (ARAÚJO, 2003, p. 6; FREHSE, 2006, p. 15).

Na perspectiva de Araújo (2003, p. 6):

O termo “tribos” nada mais é que uma metáfora para explicar a existência de agrupamentos tipicamente urbanos, os quais constroem uma identidade própria, identificando-se um com os outros. Falar em tribo é falar em pacto. As pessoas que compõem uma tribo vivem realidades diferentes no seu cotidiano, “assumindo” sua tribo apenas em determinados períodos ou lugares. Diante de uma sociedade que exige padrões de comportamentos específicos em dadas situações sociais, alguns indivíduos veem-se facetados em uma dupla personalidade. Em outras palavras é comum um jovem usar terno e gravata em seu trabalho e, ao fim de seu expediente, estar pronto para se realmente ele é procurar sua tribo, vestir-se de acordo com seus pares, identificar-se com eles.

Partindo do exposto, debruçamo-nos sobre um grupo social – tribo urbana – em específico. O grupo formado por jovens que frequentam bailes Funk em Presidente Prudente/SP e cujas identidades e redes de sociabilidade baseiam-se na estética e práticas inerentes ao Funk.

Nesse sentido, abordaremos as concepções de sociabilidade e identidade, em conjunto com a historicização do Funk no Brasil, desde sua origem no Rio de Janeiro, até o

estabelecimento de outras cenas locais/regionais de Funk por todo o país. Nesse ínterim, especificamente, voltamos nosso foco ao fenômeno do Funk em Presidente Prudente, cidade média, no Oeste do estado de São Paulo.

Metodologia

No presente artigo, tivemos como procedimento metodológico principal a pesquisa bibliográfica, que constitui uma etapa de enorme importância na realização de trabalhos científicos, pois fornece o embasamento teórico no qual a problemática empreendida pelo pesquisador, em conjunto com as hipóteses envolvidas, se baseiam.

De acordo com Lima (2018, p. 58):

A pesquisa bibliográfica – por meio de leituras e fichamentos pertinentes à compreensão da problemática na qual se insere o objeto de estudo – é uma etapa indispensável que deve anteceder toda pesquisa científica, mesmo que de maneira preliminar

Foram realizadas, ainda, pesquisas de campo, rotineiramente utilizadas na produção de conhecimento geográfico ao longo do tempo, constituindo um método amplamente aceito como meio de articulação entre conhecimento teórico e empírico. Segundo Lima (2018), as pesquisas de campo:

Ao longo do tempo, têm sido amplamente utilizadas em pesquisas desenvolvidas nas ciências humanas, pois elas possibilitam articulação entre o conhecimento teórico adquirido em sala de aula e o conhecimento prático que somente é adquirido na vivência do campo (p. 18).

Já Silveira (1936, p. 72) sustenta que a saída a campo, enquanto geógrafo “torna mais apurada a capacidade de observação e ganham os conhecimentos a solidez que só o contato com a realidade objetiva pode dar”.

Ao longo do percurso trilhado em campo, pautamo-nos na metodologia da observação participante “considerada pertinente na tentativa do pesquisador compreender e vivenciar seu objeto de estudo” (LIMA, 2018, p. 21). Sob essa perspectiva, uma definição que consideramos ser bastante certa sobre a observação participante é a de que ela é:

Um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face-a-face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário natural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto (CICOUREL, 1980, p. 89).

À parte da observação participante, efetuamos entrevistas a seus moldes, isso é, entrevistas não diretivas, tampouco padronizadas. Esse tipo de entrevista tem como premissa evitar interromper a fala do entrevistado, que deve, de certa maneira, guiar os rumos da entrevista por meio de tópicos que são introduzidos pelo entrevistador (COLOGNESE; MELO, 1998). Segundo Lima (2018, p. 31), “esse tipo de entrevista se pauta em permitir que o entrevistado fale sob o mínimo de interferência possível por parte do entrevistador” e tem “como principais características o detalhamento de questões e/ou processos/fenômenos, típico de pesquisas qualitativas em ciências humanas” (LIMA, 2018, p. 31).

Identidade

O uso do termo identidade, corriqueiramente, carrega vasta diversidade conceitual. Isso sugere que o emprego de um termo simultaneamente tão definitivo e tão definidor, continua sujeito a variações. No período histórico pós-moderno, o termo torna-se relevante no âmbito de debates sociopolíticos, de forma que vai sendo apropriado por uma vasta gama de visões teóricas (ORTIZ, 1994; HARVEY, 1992; HALL, 2001; BAUMAN, 2007; LIMA, 2018).

Nesse sentido, salientamos que no período pós-moderno, tem-se como uma de suas mais marcantes características, a liquidez de aspectos materiais e imateriais (identitários/simbólicos) (ORTIZ, 1994; HARVEY, 1992; HALL, 2001; BAUMAN, 2007; LIMA, 2018).

Hall (2001, p. 53) defende que os simbolismos relacionados à(s) identidade(s) dos sujeitos se fazem por meio de objetos, que explicitam o sujeito como pertencente a um, ou outro grupo, ou categoria social, estando nessa relação inserida a condição de pertencimento, que é um fator determinante na identificação do sujeito com seus pares.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” [...] Em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já é dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2001, p. 11).

Similarmente, Zacarés (1997) sustenta que a identidade é construída ao longo da vida inteira dos sujeitos, porém, no período de adolescência, ocorrem as transformações mais significantes.

De acordo com o autor, “a adolescência é a primeira etapa da vida em que estão reunidos todos os ingredientes para a construção de uma identidade pessoal” (ZACARÉS, 1997, p. 2). Nesse sentido, Berger e Luckmann (1976, p. 230) defendem que “a identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade”, ou, como pontua Lima (2018, p. 61):

A formação e a manutenção das características identitárias têm como condicionantes os processos sociais que são determinados por sua organização estrutural. A identidade não se aplica, então, apenas a sujeitos, mas também a grupos sociais, já que todo grupo social apresenta suas características próprias, alinhadas à sua definição social.

A partir de um grupo social em específico – tribo urbana –, o exercício identitário dos sujeitos jovens envolve práticas e simbolismos que podem se constituir por meio de um vocabulário próprio e/ou por um vestuário típico, a título de exemplo (ORTIZ, 1994; HALL, 2001; TURRA NETO, 2008; PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2014; ABDALLA, 2015; LIMA, 2018).

Nesse prisma, destacamos que, entre os jovens frequentadores de bailes Funk em Presidente Prudente, identificamos tendências à supervalorização de objetos providos de simbolismo/status por conta de seu alto preço, materializados, sobretudo, por roupas/vestuário em geral de algumas marcas específicas (LIMA, 2017).

Além disso, aferimos que os citados objetos reforçam, positivamente, a identidade desses jovens, bem como a imagem que possuem de si mesmos, elevando sua autoestima, processo que Belk (1988) caracteriza como “*self estendido*” (BELK, 1988; HARVEY, 1993; ORTIZ, 1994; HALL, 2001; McCRAKEN, 2003; ABDALLA, 2015).

Uma das formas de se estudar a relação dos objetos consumidos com a identidade é empregando o conceito do *self estendido* desenvolvido por Belk (1988), no qual o indivíduo comunica sua identidade por meio de objetos. Além dos objetos em si, os produtos consumidos são representados por marcas, que são utilizadas como ferramentas para interações sociais, auxiliando o indivíduo a construir e transmitir aspectos de sua identidade. O adolescente identifica com maior clareza as pessoas como pertencentes a determinados grupos pelas marcas que elas exibem e modo de vestir. Ele constrói aspectos que comunicam sua identidade e a quais grupos quer ou não pertencer pela forma de vestir, as marcas de roupa que usa e objetos que consome. Para o jovem o consumo reflete a apropriação simbólica do que é consumido, sendo que determinados produtos ou marcas seduzem-nos e são vistos como objetos de desejo para atingir o “eu” ideal (ABDALLA, 2015, p. 16)

Sociabilidade

Na atualidade, o entendimento da concepção de sociabilidade tem sido muito debatido no cerne de discussões sobre práticas de lazer juvenis, tendo como pressuposto que a construção de redes de amizade “é compreendida por múltiplas dinâmicas e que os sujeitos jovens valorizam, consideravelmente o tempo livre e o lazer” (LIMA, 2018, p. 40).

O ato de conviver socialmente, ou seja, “a sua necessidade e capacidade” recebem o nome de sociabilidade sob a argumentação teórica de Simmel (1983). A sociabilidade é, dessa forma, uma maneira de materializar “a interação com terceiros de forma pura e espontânea, baseando-se na interação em si” (LIMA, 2018, p. 60).

Seria uma relação que se faz por si própria, cuja chama da interação reside no interesse dos sujeitos em estabelecer contato entre si (TURRA NETO, 2008; LIMA, 2018). Nesse mesmo espectro, Turra Neto (2008) defende que a sociabilidade:

Ganhou autonomia em relação aos conteúdos que originalmente a produziu. É uma forma pura, no sentido de ser uma “inter-relação interativa”, ou seja, não há conteúdos concretos, nem objetivos a perseguir. As motivações que originam perdem sentido em benefício de uma relação cujo único objetivo é estar em relação (TURRA NETO, 2008, p. 399).

Devemos destacar que, em geral, a sociabilização entre sujeitos jovens ocorre a partir de um estilo específico como alicerce, o que compreende uma dinâmica de proximidade e distanciamento entre grupos juvenis distintos, dando origem a configurações espaciais urbanas complexas (CARRANO, 2002; TURRA NETO, 2008; LIMA, 2018).

Dessa maneira, entendemos que os jovens frequentadores de bailes Funk em Presidente Prudente têm sua identidade e sua rede de sociabilidade estabelecidas de acordo com um denominador comum, no caso, o Funk.

As referências dessa cultura juvenil chegam aos mais diversos lugares pelos meios de comunicação de massa, ou por canais mais alternativos de difusão de informação. Nas periferias pobres de várias cidades, tais referências têm rebatimentos sobre jovens que passam a reconhecer nelas expressões adequadas para falar de si, da sua vida, do seu lugar socioespacial. Incorporando-as, circulam para além de seus bairros e se articulam com jovens de outros pontos da cidade que também portam as mesmas referências e, então, constituem juntos uma territorialização (TURRA NETO, 2013, p. 8-12).

Contando com objetos providos de simbolismo, os sujeitos jovens analisados neste artigo têm os bailes Funk como o “*locus*” de ação, como prática de lazer, e território para o exercício de sua identidade, individualmente, como sujeito jovem que gosta de Funk,

em meio a um grupo, de certa maneira, homogêneo em sua heterogeneidade, onde exercem sua identidade coletivamente. Nesse sentido, Lima (2018, p. 42) defende que:

Os grupos sociais nos quais se delineiam os processos de sociabilização dos sujeitos oferecem-lhes a possibilidade de vivenciar uma vida tipicamente juvenil, já que o tempo vivido, nos momentos de lazer, é diferente do tempo vivido em outros momentos do cotidiano, como sustentam Carrano (2003) e Turra Neto (2008).

O Funk – Do Rio de Janeiro para o Brasil

O estilo musical, originalmente chamado de Funk, surgiu no fim da década de 1960, nos Estados Unidos, sendo uma evolução do estilo Soul em conjunto com o R n' B. Dentre os artistas pioneiros do Funk, podemos citar George Clinton e seu grupo Parliament, além de Sly Stone e sua banda (VIANNA, 1987; HERSCHMANN, 1997; LIMA, 2017).

Tendo se tornado um estilo musical de sucesso, o Funk passa por transformações, conforme pontua Lima (2017):

O Funk passa a ser o favorito em clubes e casas noturnas nos Estados Unidos e, em meados da década de 1970, sofre uma mudança e passa a ter batidas com levada mais pop, dando origem ao estilo Disco, que tomou as paradas de sucesso mundiais, tendo entre seus maiores expoentes nomes femininos como Gloria Gaynor, Donna Summer e grupos pop que adotaram o estilo, como ABBA e Village People, além claro de Bee Gees (p. 19).

A popularidade do estilo Disco foi curta, entretanto. Logo, surgiu um novo estilo que abalou as estruturas da música, o hip-hop, a partir de “*block parties*”³ realizadas nas ruas de bairros dos distritos do Brooklin e Bronx, em Nova York. Dentre seus pioneiros, destacamos Kool Herc, Afrikaa Bambaataa e Grandmaster Flash (VIANNA, 1987; HERSCHMANN, 1997; LIMA, 2017).

Em paralelo, longe de Nova York, ao sul, em Miami, “começava a despontar uma nova sonoridade que, embora não tenha se difundido no ‘*mainstream*’⁴, acabou sendo a raiz de outras sonoridades, entre elas o Funk Carioca” (LIMA, 2017, p. 19). Esse novo estilo, variante do hip-hop nova-iorquino, ficou conhecido como Miami-Bass e tem como característica principal o toque dos “tambores e chimbais no ritmo começa-para”. Seus principais expoentes foram MC ADE, Maggotron e o grupo 2 Live Crew (LIMA, 2017, p. 19).

³ Festas de vizinhança na rua.

⁴ Âmbito popular da música/artes/cultura.

Por volta de 1984, DJs cariocas “começaram a usar discos da vertente Miami-Bass, que tinha suas bases isoladas, dando origem ao Funk Carioca” (LIMA, 2017, p. 20). A batida se tornou popular, ficou conhecida como pancadão, e passou a ser utilizada pela maioria dos DJs dos bailes de periferia do Rio de Janeiro (VIANNA, 1987, p. 94).

Nas décadas seguintes, o Funk Carioca saiu do “*underground*”⁵ e adentrou o “*mainstream*”, dando origem a outras cenas locais de Funk, como o Funk Paulista, por exemplo. A estética associada ao Funk e à capacidade de troca de informações típicas do período pós-moderno – revolução técnico científica informacional – contribuiu para que a cultura do Funk se expandisse por todo o Brasil, além das regiões metropolitanas e cidades grandes. Dentre as cenas menores que surgiram pelo interior do país, destacamos, neste artigo, a cena local de Funk de Presidente Prudente, que é uma cidade média (TURRA NETO, 2013; PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2014; LIMA, 2018).

O Funk em Presidente Prudente/SP

Para contextualização, antes de abordarmos o fenômeno do Funk em Presidente Prudente (Figura 1), discorreremos um pouco sobre essa que é a maior cidade do oeste do estado de São Paulo.



Figura 1 – Localização de Presidente Prudente no Estado de São Paulo. **Elaboração:** LIMA, M. G., 2018.

⁵ Âmbito alternativo da música/artes/cultura.

Localizada a 558 quilômetros de São Paulo, Presidente Prudente tem população estimada em 227.000 habitantes (IBGE, 2017), e sua matriz econômica é o setor terciário, que com uma vasta gama de serviços especializados, caracteriza a cidade como centro de uma Região Imediata e de uma Região Intermediária⁶, compostas por mais de 40 municípios, nos quais vivem cerca de um milhão de pessoas.

Para a realização do presente artigo, houve contato com sujeitos que compõem a cena Funk local de Presidente Prudente, desde frequentadores dos bailes, até MCs⁷ e DJs⁸. Ao longo da pesquisa, constatamos que a cena Funk em Presidente Prudente tem dimensão limitada, se comparada com outras cenas, como do Rio de Janeiro, São Paulo e Baixada Santista. De qualquer forma, é inegável sua existência, “alheia às dificuldades e limitações que a compõem” (LIMA, 2017, p. 44).

A internet e as redes sociais têm sido o principal canal de divulgação do Funk e foi, justamente por meio do Facebook® que entramos em contato com DJ Robinho e sua Tropa. O nome do grupo é uma referência ao DJ Robinho, que é produtor, DJ e empresário do grupo de quatro MCs.

A criação do grupo ocorreu pela “vontade de fortalecer as carreiras dos MCs, por meio de ações coletivas” (LIMA, 2017, p. 48). Dessa forma, um show com a presença da Tropa inteira, composta por quatro MCs e o DJ, tornar-se-ia mais vendável e teria apelo maior para os contratantes, ou mesmo, como disse MC Etoo SP, um dos membros do grupo: “Aqui corre todo mundo junto, se um cai, cai todos e se um sobe, nós, os irmãos, sobe junto.”.

Durante entrevistas realizadas com a Tropa, ficou evidente, em vários momentos, a camaradagem e amizade que os unem, em torno do objetivo de um dia serem MCs famosos, podendo deixar suas atividades laborais cotidianas para se dedicarem apenas à música. Além do MC Etoo SP, a Tropa do DJ Robinho é composta pelos MCs Nego da Oeste, Laurinho LB e Dark.

⁶ Novas categorias introduzidas pelo IBGE recentemente (2017). As regiões imediatas e intermediárias substituem as categorias microrregião e mesorregião, respectivamente, que eram utilizadas desde 1989. Para fins de regionalização, o Brasil é dividido em 134 regiões intermediárias.

⁷ MC em Inglês: Master of Ceremony. Em português: Mestre de Cerimônia. Na prática, entretanto, denominam-se MCs no Brasil, cantores em geral dos estilos Funk e Rap.

⁸ DJ em inglês: Disc Jockey (tocador de discos em tradução livre). No Brasil tem o mesmo sentido que em inglês.

Quanto à dinâmica de produção e organização da Tropa, ficou explícito que o laço de DJ Robinho com os MCs vai além do profissional, e é consenso entre eles que a relação se desenvolve de uma forma até paternalista, tendo em vista que DJ Robinho é o mais velho do grupo, além de possuir uma trajetória de muitos anos no meio artístico⁹.

O Robinho é um paizão pra nós, cuida desde a produção nossa até agendar as apresentações. Nós não estar ganhando dinheiro ainda, não significa nada. Nós está fazendo o que gosta e o apoio do Robinho é essencial, sem ele não sei como seria, teria ainda mais dificuldade (MC ETOO SP, 2016).

A importância da figura de Robinho é inegável para a existência e manutenção da cena local de Funk, já que ele é o único DJ especializado em Funk na cidade, como salienta MC Dark:

Nosso esquema é o seguinte, o Robinho fortalece nosso lado, libera o estúdio dele, coloca nossas músicas pra tocar na rádio on-line, agenda os shows e leva a gente. Aí ele já ganha pouco [...], se ele for pagar nós fica ruim pra ele, então nós canta de graça mesmo, na moral, aí depois do show nós sai, come um lanche, o Robinho paga pra nós, as vezes uma cerveja, tá entendendo? Todos ganhamos assim, é uma família de verdade (MC DARK, 2017).

Conforme declarou o MC, raramente eles recebem alguma remuneração, sendo o show pago a eles por meio de bebidas alcoólicas no bar do baile (Figura 2).

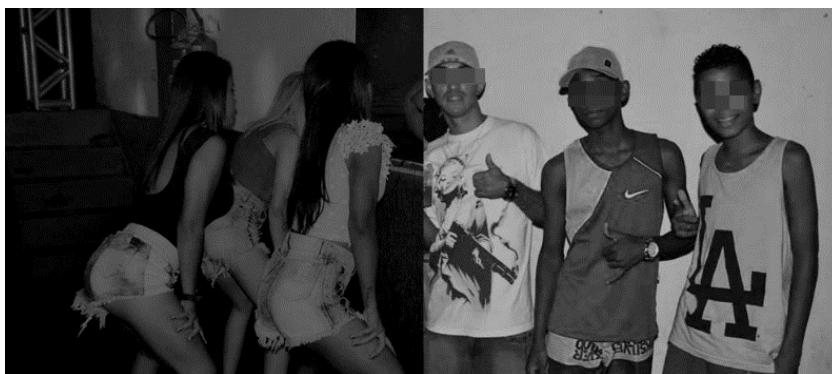


Figura 2 – Jovens em baile Funk, em Presidente Prudente. **Fonte:** LIMA, M. G., 2017.

Algo que chama a atenção é que, nas relações e práticas sociais de sujeitos jovens, por vezes, o ato e exercício da sociabilidade, tendo uma identidade em comum, são mediados por “fazer nada” (PAIS, 2003), como aponta Pais:

“Não fazer nada” representa, aliás, uma das principais atividades características das culturas juvenis. Por seu lado, falar, conversar, estar (por estar) com os amigos representam dos mais frequentes modos de “não fazer nada”. Os assuntos das conversas não têm de ser reais [...] tanto mais interessantes quanto mais divertidas. (PAIS, 2003, p. 131).

⁹ DJ Robinho é DJ há pelo menos 10 anos. Anteriormente, trabalhou como técnico de som em grandes produtoras e acompanhou as bandas de diversos artistas, adquirindo dessa forma, grande conhecimento técnico.

Nesse sentido, entre os MCs da Tropa do DJ Robinho, a sociabilização ocorre, de forma geral, no estúdio caseiro de DJ Robinho. No estúdio, os MCs ensaiam, compõem e gravam suas músicas (Figura 3).



Figura 3 – MCs no estúdio de DJ Robinho. **Fonte:** LIMA, M. G., 2017.

O estúdio de DJ Robinho, embora simples, é dotado dos recursos básicos para gravação e produção musical. Nesse prisma, fica evidente a amplitude tomada pelo meio técnico científico informacional no contexto pós-moderno, no qual é possível gravar as próprias músicas e divulgá-las sem sair de casa (PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2014; ABDALLA, 2015; LIMA, 2018).

A difusão de tecnologia, principalmente no que se refere à tecnologia da informação, em nível global, sobrepõe escalas locais, regionais, nacionais e globais, de maneira que distâncias são encurtadas e o uso da técnica possibilita que, com poucos recursos, MCs como os da Tropa do DJ Robinho gravem e disponibilizem suas músicas na internet, de maneira independente, sem grande investimento, entretanto, sem remuneração alguma (PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2014; ABDALLA, 2015; LIMA, 2017).

Esses fatos demonstram, entretanto, uma realidade muito distante da de MCs famosos nacionalmente como Lon, Guimê e Rodolfinho, que chegam a ganhar mais de meio milhão de reais por mês. Os MCs da Tropa, por outro lado, dependem exclusivamente dos empregos que têm durante o dia, tanto para manutenção de sua própria existência como para a de suas famílias (LIMA, 2017).

Outro aspecto marcante, entre os MCs da Tropa do DJ Robinho, é o consenso sobre a importância da imagem e das roupas como MCs. Segundo Lima (2017, p. 63):

LIMA, Matheus Guimarães; AMARO, Eunice Ladeia Guimarães. BAILES FUNK EM PRESIDENTE PRUDENTE/SP: IDENTIDADE E SOCIABILIDADE.

Este aspecto é um exemplo de consumo aspiracional e de consumo compensatório no que tange ao fato de tentar transmitir uma imagem que reflita sucesso e bonança, de acordo com Rucker e Galinsky (2008).

Quanto às preferências por produtos de determinadas marcas, os MCs citaram marcas que são, constantemente, citadas em diversos sucessos do Funk e que se transformaram em símbolos de *status* entre os funkeiros (LIMA, 2017).

O consumo não se relaciona somente com a forma como o indivíduo se vê, seu autoconceito, mas também com aspectos aspiracionais, como a identidade que almeja ter e grupos aos quais gostaria de pertencer. O significado do bem de consumo, nesse caso, relaciona-se não ao destino de seu uso, mas ao simbolismo desse bem numa realidade socialmente construída. O significado descola-se do bem de consumo e pode simbolizar toda uma gama de aspectos que um indivíduo almeja (ABDALLA, 2015, p. 27).

MC Dark afirma que Oakley, Lacoste, Nike e Adidas são suas marcas favoritas. O MC explica que essas marcas são muito ligadas ao subgênero Funk Ostentação, em razão do valor alto que possuem. Ele afirma, ainda, que:

O Funk Ostentação chama atenção e inspira as pessoas, eu mesmo sigo no meu sonho, de andar em um carro da hora, ter grife e inspirar pessoas a seguir os sonhos também; além disso, muitas vezes as pessoas te tira de iludido tá ligado? O Funk traz esperança. (MC DARK, 2017).

A afirmação de MC Dark e as observações realizadas suscitaram alguns questionamentos. Seria a valorização dada a objetos providos de simbolismo algo recente no Funk? Ou seria essa uma condição que já se fazia presente nos primórdios do Funk no país?

De acordo com Lima (2017, p. 62):

O consumo e a ostentação já eram um aspecto presente nos bailes Funk, décadas antes do surgimento do fenômeno do Funk Ostentação. Roupas de marca já eram consideradas símbolo de status, porém em escala menor que a que está relacionada ao Funk Ostentação, tendo em vista que todo o contexto econômico era outro. E se, hoje, o público dos bailes Funk é compreendido por uma parcela considerável de pessoas que pertencem à classe média, na década de 1990, o público era compreendido, majoritariamente, por pessoas de classe baixa, logo, com menos poder de compra para consumir artigos de *status*.

Esse posicionamento é compartilhado por DJ Robinho, para quem a essência do Funk de “curtição e se portar (vestir) bem” estaria presente naquela época e hoje, porém, hoje, com uma prevalência maior.

O Funk em si não mudou. O que mudou foram as “molecadas novas” que passaram a dar um valor para as roupas muito maior que antes, mas isso acompanha também essa “fita” do aumento da renda, tá ligado? Antes, os pais não tinha [dinheiro] pra dar um tênis da hora pro moleque, aí hoje já tem, tá ligado? (DJ ROBINHO, 2017).

Com intuito de obter dados quantitativos, elaboramos um questionário, que foi submetido a cinquenta jovens, entre 14 e 18 anos de idade, que frequentam bailes Funk em Presidente Prudente. As questões apresentadas aos jovens foram as seguintes:

- a) Você considera roupas e acessórios pouco ou muito importantes?
- b) Você aprecia, admira pelo menos três das marcas listadas? (Hollister; Nike; Abercrombie & Fitch; Lacoste; Adidas; Oakley; Quiksilver);
- c) Você acessa a internet diariamente?

Com base nas respostas obtidas, elaboramos as representações gráficas a seguir:

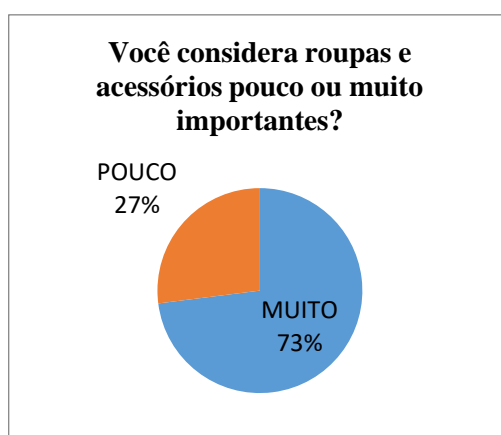


Figura 4 – Porcentagem de jovens questionados que consideram ou não, roupas e acessórios como muito importantes. **Fonte:** LIMA, M. G., 2016.

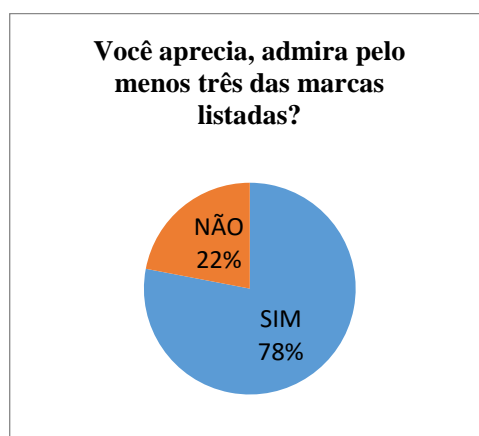


Figura 5 – Porcentagem de jovens questionados que admiram, ou não, alguma das marcas citadas. **Fonte:** LIMA, M. G., 2016.

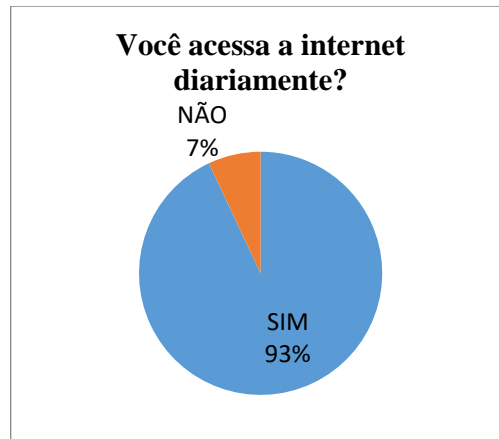


Figura 6 - Porcentagem de jovens questionados que acessam, ou não, a internet diariamente.
Fonte: LIMA, M. G., 2016.

Considerações finais

Durante a elaboração do presente artigo, pudemos estar em contato direto com jovens frequentadores de bailes, MCs e DJs de Funk em Presidente Prudente. Entre os jovens frequentadores de bailes, ficou explícita, conforme se pôde observar nas representações gráficas apresentadas na seção anterior, a predileção por objetos que têm valor simbólico, materializados principalmente por vestuário de algumas marcas específicas.

Ficou evidente, ainda, que a existência da cena está diretamente ligada ao desejo pessoal, principalmente de MCs e DJs, já que não há qualquer tipo de apoio estrutural que venha de alguma produtora, direcionada ou não ao Funk, ou casas noturnas e rádios. Assim, as formas de divulgação que possuem são apenas a internet e as redes sociais, além dos próprios MCs, que, movidos pelo desejo de expor seu trabalho e talento, aceitam se apresentar em bailes, mesmo sem remuneração alguma.

Entre os MCs da Tropa do DJ Robinho, era notório o sentimento de satisfação por demonstrar o talento, porém, era também notório o incômodo por não obter reconhecimento como artista e tampouco receber remuneração, sendo necessário executar outras ocupações laborais durante o dia, para a manutenção de suas famílias. Na cena Funk local de Presidente Prudente, tanto os MCs quanto o DJ Robinho, descrito por eles mesmos como um “paizão”, exercem suas funções, dentro do Funk, muito mais por apreço à música, que por resultados financeiros, o que pode se tornar insustentável devido ao tempo demandado sem remuneração.

O futuro da cena Funk em Presidente Prudente é incerto. A situação sugere, porém, que o público a ser explorado é amplo. Essa situação hipotética depende, entretanto, da estruturação e inserção de capital na cena Funk local, assim como em São Paulo e na Baixada Santista, onde histórias narradas nas letras de MC Lon ou MC Rodolfinho se tornaram realidade concreta e servem de inspiração para outros jovens que têm talento e pensam em se enveredar por uma carreira artística com visibilidade, por meio da qual possam ascender socialmente de maneira concreta e não apenas poética.

REFERÊNCIAS

- ABDALLA, C. C. **Rolezinho pelo funk ostentação**: um retrato da identidade do jovem da periferia paulistana. 2014. Dissertação (Mestrado) – Fundação Getúlio Vargas – FGV, São Paulo, 2014.
- ARAÚJO, R. B. Neotribalismo – O predomínio da estética local sobre a ética global. **Revista Brasileira de Marketing**, São Paulo, v. 2, n. 25, 2003.
- BAUMAN, Z. **A vida fragmentada**: ensaios sobre a moral pós-moderna. Lisboa: Relógio d'água, 2007.
- BELK, R. W. Possessions and the extended self. **Journal of consumer research**, Oxford, v. 15, n. 2, p. 139-168, 1988.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- CARRANO, P. C. R. **Os jovens e a cidade**: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: Relume Damurá: 2002.
- CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.) **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 87-121.
- COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-144, 1998.
- FREHSE, F. As realidades que as “tribos urbanas” criam. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 171-174, 2006.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.
- HERSCHMANN, M. **Abalando os anos 90**: funk e hip-hop, globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- LIMA, M. G. **Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MS**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2018.

LIMA, Matheus Guimarães; AMARO, Eunice Ladeia Guimarães. **BAILES FUNK EM PRESIDENTE PRUDENTE/SP: IDENTIDADE E SOCIABILIDADE.**

_____. **O Funk Ostentação em Presidente Prudente - SP.** Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

MCCRACKEN, G. **Cultura e consumo:** Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M. Rolezinhos: marcas, consumo e segregação no Brasil. **Revista de Estudos Culturais**, São Paulo, v.1, n°. 1, 2014.

SILVEIRA, J. D. A excursão no ensino de Geografia. **Revista Geografia**, São Paulo, v. 2, nº4, p. 71-73, 1936.

SIMMEL, G. Sociabilidade – um exemplo de Sociologia Pura ou Formal. In: MORAES FILHO, E. (Org.) **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava:** territórios e redes de sociabilidade. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2008.

_____. Microterritorialidades nas cidades: uma introdução à temática. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, v. 10, n. 7, 2013.

VIANNA, H. **O Mundo Funk Carioca.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.

ZACARÉS, J. J. El desarrollo de la identidad adolescente desde el paradigma de los status de identidad del ego: cuestiones críticas. In: VI Congreso de la Infancia y de la Adolescencia, 6, 1997, Oviedo, Espanha. **Anais VI Congreso de la Infancia y de la Adolescencia**, Oviedo, Espanha, 1997.

Recebido em 28/07/2019
Aprovado em 29/01/2019